

OS BÁRBAROS

*“(...) têm aspecto extraordinário e tão curvados que poderão ser tomados por animais de dois pés (...). Não têm eles necessidade do fogo nem de comidas temperadas, mas vivem de raízes selvagens e de toda espécie de carne que comem meio crua, depois de tê-la aquecido levemente sentando-se em cima durante algum tempo quando estão a cavalo.(...) Vestem-se de pano ou peles de ratos dos campos; têm apenas uma única roupa e não tiram a túnica senão quando cai em farrapos. Cobrem a cabeça com pequenos bonés caídos, e as pernas com peles de bode. São colados a seus cavalos, que são, na verdade, robustos mas feios; não existe nenhum dentre eles que não possa passar a noite e o dia sobre a montaria; é a cavalo que bebem, comem e, abaixando-se sobre o pescoço estreito do animal, dormem. (...) Sem morada fixa, sem casa, erram por todos os lados e parecem sempre fugir com suas carriolas. Como animais desprovidos de razão, ignoram inteiramente o que é o bem e o que é mal; não têm religião, nem superstição; nada iguala sua paixão pelo ouro.”*⁵

Amiano Marcelino, oficial romano, sobre os hunos

No século IV, diversos povos bárbaros viviam às bordas do Império Romano. O termo bárbaro era usado pejorativamente pelos romanos quando se referiam aos povos que viviam fora das fronteiras de seu império, que tinham linguagem, cultura e costumes peculiares. No Oriente Médio, encontravam-se os sassânidas e os árabes, no norte da África, os mouros, e, ao longo dos rios Danúbio e Reno, os germânicos. Mais além das fronteiras romanas, na Europa Oriental e Ásia, perambulavam povos eslavos e tártaro-mongóis.

Um povo bárbaro de origem tártaro-mongol (hunos) e outros de origem germânica (vândalos, ostrogodos, visigodos, francos, anglos, saxões, entre outros) contribuiriam decisivamente para o fim do Império Romano do Ocidente (naquela época havia dois Impérios Romanos, o do Ocidente e o do Oriente).

Os germânicos organizavam-se em famílias; grupos familiares consanguíneos formavam tribos que eram independentes, mas podiam se unir em confederações guerreiras quando tinham interesses comuns. Tanto as tribos como as confederações eram comandadas por um líder (rei ou general) eleito por uma assembleia de guerreiros. Inicialmente, os líderes governavam por um período prestabelecido ou durante uma campanha. No século V, porém, muitos deles já haviam se firmado no poder, estabelecendo monarquias hereditárias.

⁵ apud ISSAC; ALBA, 1968, p. 217.

Em algumas tribos, não havia uma rígida organização de classes sociais; em outras, entretanto, estruturou-se uma sociedade estamental: no topo estava a nobreza (normalmente estabelecida pela origem familiar), depois os homens livres e, finalmente, os escravos.

Os nobres e os homens livres tinham o dever de fazer a guerra, fonte de riquezas provenientes de saques ou da cobrança de tributos. Quando ociosos, reuniam-se em grupos (comitatus) e investiam contra outras tribos a fim de obter ganhos. As relações nos “comitatus” eram regidas pela reciprocidade: o líder do “comitatus” tinha autoridade sobre o grupo; em contrapartida, deveria fazer a distribuição de parte dos despojos a seus subordinados. Além da avidez por riquezas, a religião os impulsionava para a luta, já que a morte em combate era a maior glória possível a um guerreiro e a garantia de acesso ao paraíso (valhala), onde virgens (valquírias) os entreteriam. A morte por velhice era vista como algo ignominioso.

Às mulheres cabiam as atividades ligadas à pecuária, coleta e agricultura (de subsistência, baseada no cultivo da cevada, do centeio e do trigo).

GUERREIRO OSTROGODO



Quando os recursos de determinada região escasseavam, as tribos migravam para outros locais que lhes proporcionassem melhores condições de vida. Nesses deslocamentos, muitas vezes entravam em confronto com outros grupos, por territórios e riquezas.

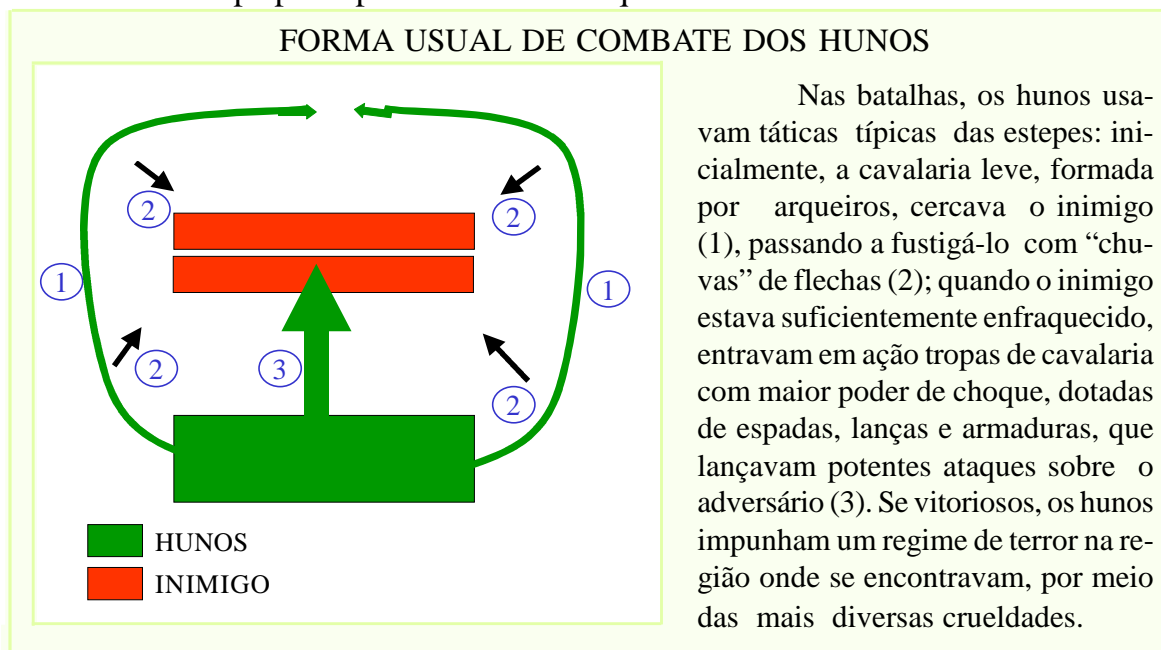
A organização militar dos germânicos era primitiva se comparada ao aparato militar desenvolvido pelas civilizações greco-romanas em seu apogeu.

Os germanos desprezavam equipamentos de proteção; quando muito utilizam pequenos escudos e capacetes. Seus armamentos eram diversificados, consistindo de lanças, espadas, camartelos, acha-d’armas, porretes e arcos. Cada povo germânico tinha preferência por determinados armamentos: os francos, por exemplo, eram adeptos da “francisca” (acha-d’armas que arremessavam a curta distância); os ostrogodos, por sua vez, preferiam espadas longas, de corte, e lanças.

Os povos compunham suas forças e adotavam formas de combate também de acordo com suas peculiaridades: os francos preferiam lutar a pé; os ostrogodos faziam uso tanto da infantaria como da cavalaria; os vândalos lutavam predominantemente montados. Nas batalhas, normalmente não adotavam formações rígidas, inviabilizadas pela falta de adestramento coletivo. Valendo-se da força bruta, da ferocidade e do número, atacavam de forma descoordenada e indisciplinada o inimigo. Desse modo, a coragem e não o intelecto definia o sucesso germânico em um embate.

Os hunos, por sua vez, eram pastores nômades que migravam constantemente em busca de melhores pastagens para seus rebanhos. Como os germanos, periodicamente formavam confederações guerreiras que partiam para outras regiões com objetivo de saquear. Acostumados desde crianças a cavalgar e a caçar, tornavam-se hábeis cavaleiros e arqueiros. Sua principal arma era um potente arco que arremessava flechas capazes de perfurar uma armadura romana a uma distância de cerca de cem metros. Usavam também laços, espadas e lanças.

As tropas hunas possuíam elevada mobilidade, cobrindo velozmente grandes espaços. Esses rápidos deslocamentos geralmente surpreendiam os seus inimigos, que ficavam sem tempo para prestar defesas adequadas.



Por séculos, legiões bem adestradas e moralmente fortalecidas repeliram incursões bárbaras ao longo das fronteiras do Império Romano. Em certos locais, romanos e germânicos chegaram a viver pacificamente, ocorrendo um intenso intercâmbio cultural. A partir do século III, no entanto, o Império Romano passou a vivenciar profunda crise, que resultou no enfraquecimento do exército e, conseqüentemente, na incapacidade de Roma em manter seu território a salvo de invasões.

A pressão dos povos bárbaros sobre a fronteira do Império Romano intensificou-se a partir de 375, quando os hunos se deslocaram da Ásia para a Europa Oriental. No leste europeu, os hunos derrotaram os alanos, povo visto pelos romanos como excelentes guerreiros e, em seguida, subjugarão os ostrogodos. Os visigodos, outro povo que estava na rota dos hunos, sentindo-se ameaçados, solicitaram aos romanos permissão para atravessar o rio Danúbio e se estabelecer dentro do império. O imperador romano Valente autorizou que os visigodos se fixassem na Moésia (parte da atual Bulgária).

Os romanos, no entanto, dispensaram aos visigodos um péssimo tratamento (altos impostos, confisco de armas), o que redundou em uma revolta bárbara. Em 378, para reprimir os visigodos, o imperador Valente conduziu grande parte das forças romanas para Adrianópolis. Nesse local, os romanos sofreram uma devastadora derrota, da qual não mais se recuperariam. Perderam milhares de homens, inclusive o imperador Valente, morto no combate.

A Batalha de Adrianópolis mostrou claramente aos bárbaros a fraqueza militar romana. Em face disso, diversos povos atravessaram as fronteiras, saqueando territórios por onde passavam. Terminaram por estabelecer reinos em diferentes pontos do Império Romano do Ocidente, que, sem forças para reagir, entrou em um processo de

BATALHA DE ADRIANÓPOLIS	
	<p>Em 378, em Adrianópolis, próximo a Constantinopla, um exército romano, liderado pelo imperador Valente, lutou contra os visigodos, comandados por Fritigern. Os romanos contavam com aproximadamente 40 mil soldados de infantaria e 20 mil de cavalaria; os visigodos possuíam cerca de 50 mil combatentes de infantaria e outros tantos de cavalaria. Em prova estava a capacidade romana de manter seu império a salvo de invasões. No campo de batalha, Fritigern improvisou uma posição defensiva com carroças (1), no interior da qual abrigou sua infantaria (2). A cavalaria visigoda encontrava-se em bosques próximos, fora das vistas dos romanos (3). Valente posicionou a infantaria no centro (4) e a cavalaria nas alas (5) do dispositivo dos romanos. Estes iniciaram o combate, atacando com a infantaria (6) e a cavalaria (7) a fortificação improvisada do inimigo. Os visigodos que estavam na posição defensiva se defenderam com armas de arremesso. A batalha estava equilibrada até o momento em que os cavaleiros visigodos subitamente saíram dos bosques e cercaram os romanos (8). A infantaria visigoda saiu do interior de sua fortificação aumentando a pressão sobre os romanos (9). Surpreendidos, os romanos entraram em pânico. No combate corpo-a-corpo que se seguiu, os visigodos infligiram aos romanos uma retumbante derrota. Os romanos perderam por volta de 40 mil homens na batalha, inclusive seu imperador, ficando sem condições de deter as invasões bárbaras que se anunciavam.</p>
LEGENDA	
VISIGODOS CAVALARIA INFANTARIA	ROMANOS CAVALARIA INFANTARIA

INVASÕES BÁRBARAS



desintegração (o Império Romano do Oriente conseguiu resistir às invasões). Dessa forma, constituiu-se um reino vândalo no Norte da África; um visigodo, na Hispânia; um ostrogodo, na Itália; um franco, na Gália; entre outros.

Os hunos, que provocaram invasões, permaneceram algum tempo na Europa Oriental, onde aumentaram sua força, aliando-se a tribos germanas e eslavas. Na primeira metade do século V, o rei huno Átila, conhecido pela alcunha de “flagelo de Deus” devido às atrocidades que cometia, resolveu conquistar a Europa Ocidental. Seguiu para a Gália, devastando as vilas e cidades que encontrava em seu caminho. Todavia, seu avanço foi barrado em 451, na Batalha de Châlons (Campos Catalúnicos), por uma coligação de romanos e germânicos, comandada pelo general romano Aécio.

Átila decidiu, então, dirigir-se para o sul, com a intenção de invadir a península italiana. Segundo relatos, estava a cerca de 200 quilômetros da cidade de Roma quando foi persuadido pelo papa Leão I a se retirar da Itália. Uma razão mais provável da retirada parece estar ligada ao fato de as tropas hunas estarem sendo afligidas por doenças (entre as quais a malária), o que teria contribuído para que mudassem seus planos. Da Itália, os hunos se deslocaram para as planícies da atual Hungria, onde Átila morreu em 453, vítima de uma hemorragia estomacal. Seus filhos passaram a lutar pelo poder, o que provocou o fim da unidade dos hunos, que acabaram por se dispersar.

Os recém-criados reinos bárbaros da Europa Ocidental tiveram destinos diferentes. Alguns, como o dos visigodos e o dos ostrogodos, não perduraram por muito tempo, sendo conquistados, respectivamente, pelos árabes e bizantinos; outros, como o dos francos e o dos anglo-saxões, deram origem a modernos países europeus (França e Inglaterra).

De maneira geral, nos reinos bárbaros, fundiram-se elementos étnicos, culturais, jurídicos e sociais dos romanos e dos bárbaros, que, cimentados pela religião católica, deram origem à sociedade Feudal.

O fim do Império Romano do Ocidente ocorreu em virtude do enfraquecimento das legiões e não de uma evolução substancial da arte de guerrear dos bárbaros. O Império Romano do Oriente, embora pilhado, manteve sua integridade, dando origem ao Império Bizantino, que teria grande importância na Idade Média.

REINOS BÁRBAROS E O IMPÉRIO ROMANO DO ORIENTE

